

---

# EDITORIAL

## PESQUISA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E ARTES: UMA PRODUÇÃO RESTRINGIDA

Pesquisa é fundamental para o desenvolvimento humano e a difusão do conhecimento dela advindo é etapa vital para justificar o esforço intelectual, técnico e financeiro envolvidos. Mais que isto, o estudo não divulgado pode ser a pedra essencial para completar a investigação de outro pesquisador.

De fato, pesquisa é uma atividade coletiva e sua socialização é quase tão importante quanto os novos conhecimentos obtidos por ela. Neste sentido, o meio clássico para a divulgação da pesquisa é a publicação em periódicos. Entretanto, esta assertiva encerra uma variedade de aspectos, algumas menos relevantes, outras cruciais para a efetivação da referida socialização do conhecimento gerado. Por exemplo, uma das questões mais discutidas atualmente, devido aos avanços celeres da informática e sua democratização, é sobre a decisão da conversão dos periódicos para o formato digital ou sua manutenção no tradicional e agradável formato impresso. Outra questão, muito discutível, da cobrança aos autores pela publicação de seu artigo se exceder determinado número de páginas ou, em alguns casos, mesmo que isto não ocorra – uma questão compreensível nos dias atuais mas, preliminarmente, indesejável e polêmica para dizer o mínimo. Por fim, sem esgotar a extensa lista de aspectos a discutir, citamos os sistemas de indexação e mensuração de impacto, sede de eterna e justa disputa, uma vez que os critérios utilizados são altamente controversos e criticáveis.

Entretanto, um dos pontos mais importantes para comentários e o do espaço editorial disponível para dar vazão à criação científica. Constatamos que as áreas das ciências biológicas e da saúde, pertinentes ao periódico que editamos, se encontra em uma posição extremamente satisfatória no que se refere à questão da disponibilização.

A demanda por espaço para publicação é crescente. Certamente, há fatores de estratificação meritória desta demanda, sendo um deles a relevância e qualidade dos artigos, o nome dos autores e das instituições que os apóiam. Mas, em verdade, este não é um empecilho maior para garantir a divulgação do conhecimento mas sim para o prestígio. Assim é que, se levarmos em conta a já referida crescente compartimentalização do conhecimento das áreas das ciências biológicas e da saúde, fica mais fácil identificar o espaço para publicação exatamente porque a compartimentalização permite uma melhor localização para o assunto específico sobre o qual versa o artigo do pesquisador.

Um outro aspecto que, certamente, está subjacente a esta necessidade de atender uma demanda crescente por espaço de publicação é a formatação dos artigos. Isto se particulariza na questão da concisão da informação e, em decorrência, no número de páginas requerido – ou permitido – para a exposição da proposta do pesquisador. Progressivamente têm-se diminuído o número de páginas e aumentado o número de artigos em cada fascículo publicado. De fato, os editores se encontram em uma fase particularmente restritiva aos discursos mais extensos, induzindo autores a uma redução sensível de seus textos sem, na verdade, perda de qualidade ou quantidade de informação relevantes à divulgação da tese do pesquisador. Outro aspecto que comprova esta necessidade é o número crescente de artigos que esperam na fila de publicação mesmo em revistas que não possuem um índice de impacto expressivo. Na tentativa de equacionar este problema, alguns editores estão transformando seus periódicos quadrimestrais em trimestrais.

A quantidade de artigos e a crescente compartimentalização do conhecimento gerou uma dificuldade adicional: como navegar em mar tão fértil? Para tal, concomitantemente, os sistemas de busca foram se aperfeiçoando e, na atualidade, ferramentas ágeis e consistente como o sistema MEDLINE e LILACs, permitem uma verificação fidedigna de uma proporção importante de artigos publicados em determinada área, ainda que certo cuidado deva ser tomado na escolha das palavras-chave.

Em resumo, a condição atual da disponibilização de espaço editorial para dar vazão à produção na área das ciências biológicas e da saúde é expressivo e, se sua socialização ainda não é universal, oferece oportunidades para todos os níveis de produção científica e isto é o fato mais relevante desta discussão, haja visto que o pesquisador curioso e competente, conhecedor destas peculiaridades, não irá se restringir às buscas mais imediatas. Certamente, ele vai am-

pliar seu horizonte – e a internet hoje permite isto com facilidade – em busca de referências que existem, estão disponíveis, são relevantes, têm qualificação, mas que, por vários dos aspectos citados ao longo deste editorial, não se encontram no topo dos sistemas de indexação e buscas.

Uma vez isto entendido, cabe um contraponto com uma área que, aparentemente, nada tem a ver com as ciências biológicas e da saúde – as artes. De fato, são áreas distintas e distantes. Dentre as Artes, podemos nos deter na Música e dela extrair alguns comentários de certa valia. Uma rápida visita aos periódicos que servem à área da música são reveladores no fato de se opor ao preceito da disponibilização de espaço editorial, conforme definido anteriormente. Deve-se salientar que, na área da música, ainda não se verifica uma compartimentalização do conhecimento nos moldes antes comentados. Alguma especialização ocorre, mas se restringe a poucas subáreas. Neste sentido, a musicologia surge como uma das áreas mais genéricas dentro deste contexto. Exemplos de outras áreas de especialização podem ser: teoria musical, análise musical, harmonia e práticas interpretativas dos diferentes períodos, tais como o renascimento, o barroco e o romantismo.

Para estabelecer um melhor entendimento desta discussão, pode-se analisar a produção publicada em um dos mais, internacionalmente, respeitados periódicos de música, publicado nos Estados Unidos da América. Trata-se de periódico quadrimestral sobre musicologia que, no volume correspondente ao ano de 2002 publicou nove artigos originais e no volume seguinte, 2003, publicou outros nove, isto é, três por número. Ainda que ampliando um pouco o número de artigos originais, fato similar ocorre com um outro prestigiado periódico da mesma área, este trimestral, mas publicado no Reino Unido. Neste último caso, registram-se 34 artigos originais publicados em seu volume para o ano de 2001 e 31 para o ano de 2002. Deve-se salientar que, em termos de formatação, estes periódicos praticamente não diferem dos periódicos da área das ciências biológicas e da saúde no que se refere ao tamanho da página e o tamanho da fonte utilizado. Entretanto, um fato chama a atenção. Para os periódicos acima citados, a média de páginas de cada artigo original é 50,7 para o primeiro (EUA) e 20,6 para o segundo (RU). Sabemos que em um periódico da área médica, os artigos originais têm, em média, 8,5 páginas. Verifica-se, então, que aquele importante periódico dos EUA praticamente dedica-se à publicação de extensas monografias, pois mais de um dos artigos chega a ter 70 páginas. Note-se, então, que o entendimento editorial de um periódico como este difere totalmente do pensamento editorial na área das ciências biológicas e da saúde,

na qual a oferta de novos conhecimentos de qualidade não prescinde da rapidez de sua disponibilização.

O leitor que não está acostumado à área da música pode, de imediato, se surpreender com estes dados. Entretanto, faz-se necessários algumas considerações sobre as diferentes abordagens que se fazem sobre a divulgação do conhecimento na área das ciências biológicas e da saúde e na Música. De fato, nesta última, a abordagem científica é muito recente. Os primeiros escritos musicológicos com estrutura de investigação foram feitos na Alemanha no final do século 19, e de forma incipiente. Somente no século seguinte é que a estrutura de investigação, a metodologia científica foi mais extensa e consistentemente empregada na área da música. Outro aspecto é a abordagem do ensino de música, tradicionalmente, em conservatórios, nos quais os aspectos de técnica e interpretação sempre foram prioridade. Progressivamente, os cursos de música foram ganhando espaço dentro das universidades, diferenciaram a própria abordagem pedagógica em contraponto aos conservatórios e foram absorvendo lentamente a questões da investigação que já estavam consolidadas nas áreas das ciências biológicas e da saúde e mesmo na área da educação e da sociologia. Destas últimas, aliás, é que, atualmente, a música empresta seus modelos para buscar respostas a seus questionamentos particulares. Adicionalmente, pode-se comentar que, diante deste quadro bastante incipiente, particularmente no Brasil, o número de periódicos na área da música é pequeno. Mesmo considerando uma mistura de periódicos nacionais e internacionais, uma breve visita ao sistema de classificação de periódicos da CAPES, o sistema Qualis, revela que existem apenas 750 periódicos registrados nas área de Artes/Música se compararmos com os mais de 8.000 periódicos listados na área de ciências biológicas e da saúde (QUALIS). Mesmo considerando uma população de pesquisadores nas duas áreas fortemente diferenciado em números, não se pode deixar de mencionar que o espaço editorial para a área da música é pequeno.

Com estas considerações, que inicialmente podem parecer relativas a áreas tão distantes, pretendeu-se estimular um pensamento positivo para os editores, de ambas as áreas, quando a este aspecto fundamental em ciência – a necessidade de socializar o conhecimento produzido e a responsabilidade dos editores em estabelecer estratégias para garantir este objetivo.

Marcos da Cunha Lopes Virmond

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUENCA, AMB, ALVAREZ MCA, FERRA MLEF, ABDALA, ERF. Capacitação no uso das bases Medline e Lilacs: avaliação de conteúdo, estrutura e metodologia Ciência da Informação. v. 28, n. 3, 1999.

QUALIS – Classificação de Periódicos, Anais, Jornais e Revistas. Versão 1.0. Disponível em <http://qualis.capes.gov.br/>.